

A dialética do argumento único de Santo Anselmo¹

Prof. Dr. Sérgio Ricardo Strefling²

Resumo

Na Idade Média, não só foram construídas catedrais, mas também foi desenvolvido um sistema escolar extraordinário, criadas as universidades e escritas grandes obras de filosofia, teologia e literatura. O argumento ontológico de Santo Anselmo (1033-1109) confirma a importância e profundidade do pensamento medieval. Este argumento simples é o único que aparece no capítulo 2 do *Proslogion*. Kant o denominou “argumento ontológico” e nós curiosamente ainda assim o chamamos. Os medievais, simplesmente, o chamavam de “o argumento de Anselmo” (*argumentum Anselmi*).

Palavras-chave: Deus, Anselmo, argumento, ontológico, dialética.

Abstract

In Middle Ages, there is not only the use of building cathedrals, but also it can be emphasized that it was developed an extraordinary school system as great universities were instituted and upstanding Works on Philosophy, Theology and Literature were written, produced. Saint Anselmus (1033-1109) ontological argument corroborates the medieval thought importance and profundity, deepness. This simple argument is the only one that appears in *Proslogion* Second Chapter Kant denominated, named it as “ontological argument” and, respecting to us, we, curiously, still call it the argument – exactly as they did name – Middle Ages thinkers simply named it Anselmus’ Argument “(Argumentum Anselmi)”.

Key words: God, Anselmus, Argument, Ontological one, Dialectics.

Santo Anselmo não somente foi um teólogo, mas também um importante filósofo da Idade Média, porque, embora se procure em vão o termo “filosofia” em seus escritos, no entanto, o que há de argumentação, do ponto de vista racional, ora, isso não falta, em especial no contexto das provas da existência de Deus apresentadas em suas obras.

O famoso argumento ontológico é a prova *a priori* sobre a existência de Deus desenvolvida por Anselmo. Trata-se de uma quarta reflexão argumentativa dentro da teodicéia anselmiana fundamentada na ontologia que compunha o pensamento metafísico daquele momen-

to na Idade Média. O argumento era conhecido pelos escolásticos como argumento único (*argumentum unicum*) ou simplesmente razão de Anselmo (*ratio Anselmi*). Somente na modernidade, será denominado de argumento ontológico (Clauberg e Wolf – século XVII e Kant – século XVIII). Muitos estudiosos ainda o denominam de ontológico, alguns porque o entendem à luz da crítica moderna, outros porque entendem que faz sentido dentro da filosofia do ser entre os medievais.

O argumento encontra-se na obra **Proslogion**. Um dos significados de **Proslogion** é alocução. Trata-se de um diálogo entre a alma do fiel que reza e Deus. É uma longa prece de quem busca entender o que crê. Inicialmente Anselmo intitulou esta obra de *fides quaerens intellectum*, depois abreviou simplesmente para **Proslogion**. Essa obra consta de vinte e seis capítulos: no primeiro, Santo Anselmo inicia com uma prece e, do segundo ao quarto capítulos, expõe o argumento. Já no Proêmio, Anselmo explica-nos que não estava satisfeito com as provas expostas no **Monologium** e, portanto, buscava um argumento único que provasse a existência de Deus sem ter que recorrer a nenhum outro. Parece que Anselmo, depois de expor as três provas que partiam das criaturas para chegar ao criador, teve medo de determinar o ser de Deus com relação às coisas. Parece ser próprio de Anselmo que, para falar dignamente de Deus, tem que tomá-lo em absoluto. Daí, então, a busca de um argumento que, para ser provado, não necessitasse de nenhum outro fora de si mesmo. “Comecei a pensar comigo mesmo se não seria possível encontrar um único argumento que, válido em si e por si, sem nenhum outro, permitisse demonstrar que Deus existe verdadeiramente”³.

Preocupado desde há muito tempo com esse pensamento, estava a ponto de renunciá-lo, quando, de repente, e encontrando-se muito cansado, veio-lhe à mente aquilo que já pensava não mais encontrar. Surge, então, o argumento único que será a matéria da obra que Santo Anselmo denomina *fides quaerens intellectum* (a fé buscando o entendimento). “Anselmo é importante na História da Filosofia não apenas pelo argumento do **Proslogion** (a que muitos estudos parecem reduzi-lo), mas por contribuir, muito antes que a filosofia medieval conhecesse a totalidade dos escritos aristotélicos, para a

instauração de um novo método de filosofar, método esse que faz interagir meditação e disputa, lógica e autoridade, filosofia e Sagradas Escrituras. Confiando na capacidade racional do homem, a reflexão anselmiana tem o mérito de mostrar que o rigor filosófico não é algo de segunda ordem, razão pela qual é não apenas lícito, mas necessário lançar-se ao esforço de empreendê-lo”⁴.

1 O ponto de partida

O ponto de partida está na fé, e esta fé no Deus presente, constitui a situação humana de que parte a prova. O capítulo I constitui-se uma prece. Não se trata de uma exortação ao conhecimento de Deus, senão de sua contemplação. Deus não é uma hipótese a demonstrar, senão que já está, de alguma maneira, presente e pode, portanto, ser contemplado.” Eia, vamos, pobre homem! Foge um pouco das tuas ocupações...Busca a Deus...Entra no esconderijo de tua mente fechada a porta, procura-o. Abre a ele todo o teu coração e dize-lhe: quero teu rosto, ó Senhor”⁵.

Buscar o rosto de Deus no contexto bíblico e não é outro o de Anselmo, significa conhecer a Deus e viver em sua presença. Todo o capítulo I é uma chamada a Deus. A Deus que está presente em sua ausência. Ao Deus que não se tem, mas que está. Ao Deus que não se vê, mas que para vê-lo foi feito o homem. “Ó Senhor, tu és o meu Deus e o meu Senhor; e nunca te vi. Tu me fizeste e resgataste e tudo o que tenho de bom devo-o a ti. No entanto, não te conheço ainda. Fui criado para ver-te e até agora não consegui aquilo para que fui criado. Oh! Quão miserável é a sorte do homem que perdeu aquilo por que foi feito... Tem piedade de nossos sofrimentos e esforços para chegar a ti, pois, sem ti, nada podemos... Rogo-te, ó Senhor, que o meu desespero não destrua este meu suspirar por ti... Ó Senhor, reconheço, e rendo-te graças por ter criado em mim esta tua imagem...Mas ela está tão apagada em minha mente... Não tento, Ó Senhor , penetrar a tua profundidade... mas, desejo, ao menos, compreender a tua verdade, que o meu coração crê e ama. Com efeito, não busco compreender para crer, mas creio para compreender.

Efetivamente creio, porque, se não cresse, não conseguiria compreender”⁶. (*credo ut intelligam*)

A imagem de Deus está no homem velada pelo pecado. Então é necessário recuperar, de alguma maneira, a situação em que o homem se encontrava antes do pecado original. O homem precisa sair de si mesmo e pôr-se a caminho de Deus. Por isso, Anselmo insiste que é preciso buscar o rosto de Deus. A filosofia de Anselmo em nenhum momento esquece os dados oferecidos pela teologia dos Santos Padres. Mas, segundo Anselmo, o homem não pode buscar a Deus, se Deus não ensinar-lhe nem encontrá-lo, se Deus não se mostrar. Aos poucos, Anselmo vai-nos introduzindo na prova *a priori*, a qual tem seu ponto de partida na idéia de Deus segundo o dado da fé. “Ensina-me como procurar-te e mostra-te a mim que te procuro: pois, sequer posso procurar-te se não me ensinares a maneira, nem encontrar-te se não te mostrares”⁷.

A fé é o ponto de partida que move a ação intelectual de Anselmo. Mas essa ação não é mera passividade. A fé exige esforço do homem. É o homem que crê e compreende. Anselmo parte da revelação, porque entende que o homem não poderia buscar aquilo que não lhe foi dado. A fé é um dom que inquieta o homem para que nela ele busque e compreenda. Anselmo distingue entre fé viva e fé morta⁸. Essa distinção tem relação com a *fides quaerens intellectum*. Fé viva é crer em. Fé morta é crer apenas. Na fé viva há um dinamismo essencial, em oposição à estaticidade da fé morta, que se limita a crer no objeto, sem tender para dentro do objeto, porque lhe falta o amor, que é fonte de vida e impulso de operosidade. A fé morta não é a perda da fé e, sim, a falta da fé, enquanto carente de amor. É, por exemplo, o caso do cego, que poderia e deveria ver, mas não enxerga aquilo que sempre poderia e deveria enxergar. É o cego que tem olhos, mas carece de visão: poderá ver o objeto, mas não penetrar, com a visão no objeto. Para Anselmo, não existe a fé sem amor. A fé operante só pode ser acompanhada por amor. Portanto, aquele que crê impulsionado pelo amor busca compreender. A fé não é passiva, mas é esforço do homem que busca compreender e abraçar o que lhe foi dado em potencial. É essa fé operante, que exige compreensão, que consiste no ponto de partida da dialética do argumento do **Proslogion**⁹.

Anselmo parte da fé que afirma que o homem é imagem de Deus. O homem, para conhecer a si mesmo, tem que conhecer aquele do qual é imagem. O pensar em si mesmo leva a pensar sobre Deus. Nesse sentido, tece belo comentário Inácio Escribano ao tratar do **Proslogion** no horizonte da teologia da imagem de Deus:

Ao começo do **Proslogion** nos é notável esta frase: ‘Ó Senhor, reconheço, e rendo-te graças por ter criado em mim esta tua imagem a fim de que, ao recordar-me de ti, eu pense em ti e te ame’. A frase ocupa um valor muito relevante na disposição do primeiro capítulo o qual se inicia com um suspiro da alma que busca angustiadamente um rastro da presença divina. A partir do ‘reconheço’ podemos dizer, já há um certo vazio. E neste vazio angustiante segue-se a tese – existe em nós a imagem de Deus -, em que se assenta o fundamento da esperança: a busca não pode ficar frustrada. A idéia de Deus nos foi conferida como presente no momento da criação, ‘a imagem e semelhança’(...) ¹⁰.

2 A noção de Deus

Na afirmação “tu és um ser do qual não é possível pensar nada maior” (*te esse aliquid quo nihil maius cogitari potest*) ¹¹, Anselmo expressa a noção de Deus. É interessante observar que não encontramos a expressão de nenhum nome divino, seja bíblico ou clássico. E isto tem sua importância desde o momento em que tal fórmula se apoia no recurso dialético que a pregação do insipiente desencadeia. A fórmula que desencadeia o argumento único é criação de Anselmo. Convém aqui lembrar o que ele diz no Proêmio do **Proslogion**. “No entanto, um dia, quando já estava cansado de resistir a essa perseguição inoportuna, justamente no calor do conflito dos meus pensamentos, eis que se me apresenta a idéia de que já desesperara de encontrar. Acolhi-a com tanto entusiasmo quanto empenho colocara em rechaçá-la” ¹².

Essa noção de Deus e formas prévias do argumento já se encontram em Cícero¹³, Sêneca¹⁴ e Agostinho¹⁵; a maneira pela qual Anselmo faz esse argumento se desenvolver por si mesmo até se dar a conhecer o que ele encerrava em si desde o início, aí é que se revela um filosofar dialético totalmente novo.

A noção de Deus, na compreensão de Santo Anselmo, torna-se mais clara quando ele explica ao seu crítico Gaunilo a diferença que há entre um “ser que seja maior que todos” e um “que não se pode pensar nada maior”¹⁶.

3 A demonstração do argumento

A argumentação de Anselmo baseia-se em alguns pressupostos: 1. uma noção de Deus fornecida pela fé; 2. convicção de que existir no pensamento já é verdadeiramente existir; 3. a exigência lógica de que a existência no pensamento determine que se afirme sua existência na realidade; 4. o que existe na realidade é maior ou mais perfeito do que existe só no intelecto; 5. negar que aquilo que não se pode pensar nada maior exista na realidade, significa contradizer-se.

Apresentamos o raciocínio de Anselmo dividindo-o em 4 assertivas, seguidas da demonstração, conforme os textos que compõem o conjunto todo do argumento, ou seja, os capítulos 2, 3 e 4 do **Proslogion**:

Afirmção 1: há, ao menos no intelecto, “algo tal que não se pode pensar nada maior”, uma vez que se entende tal expressão.

Demonstração: “Cremos, pois, com firmeza, que tu és um ser do qual não é possível pensar nada maior. Ou será que um ser assim não existe porque o insipiente disse, em seu coração: ‘Deus não existe’. Porém, o insipiente, quando eu digo: ‘o ser do qual não se pode pensar nada maior’, ouve o que digo e o compreende. Ora, aquilo que Ele compreende se encontra em sua inteligência, ainda que possa não compreender que existe realmente. Na verdade, ter a idéia de um objeto qualquer na inteligência, e compreender que existe realmente são coisas distintas. Um pintor, por exemplo, ao imaginar a obra que vai fazer, sem dúvida que a possui em sua inteligência; porém nada

compreende da existência real dela, porque ainda não a executou. Quando, ao contrário, ele a tiver pintado, não a possuirá apenas na mente, mas também lhe compreenderá a existência, porque já a executou. O insipiente há de convir igualmente que existe na sua inteligência ‘o ser do qual não se pode pensar nada maior’, porque ouve e compreende essa frase; e tudo aquilo que se compreende encontra-se na inteligência”¹⁷.

Afirmção 2: Esse “algo tal que não se pode pensar nada maior” não pode estar somente no intelecto. Se isso ocorresse, poder-se-ia pensar ser também na realidade, o que é maior.

Demonstração: “mas “o ser do qual não é possível pensar nada maior” não pode existir somente na inteligência. Se, pois, existisse apenas na inteligência, poder-se-ia pensar que há outro ser existente também na realidade; e que seria maior.

Se, portanto, “o ser do qual não é possível pensar nada maior” existisse somente na inteligência, este mesmo ser, do qual não se pode pensar nada maior, tornar-se-ia o ser do qual é possível, ao contrário, pensar algo maior: o que certamente, é absurdo.

Logo, “o ser do qual não se pode pensar nada maior” existe, sem dúvida, na inteligência e na realidade”¹⁸.

Afirmção 3: a negação do insensato é absurda e contraditória.

Demonstração: “O que acabamos de dizer é tão verdadeiro que nem é possível sequer pensar que Deus não existe. Com efeito, pode-se pensar na existência de um ser que não admite ser pensado como não existente. Ora, aquilo que não pode ser pensado como não existente, sem dúvida, é maior que aquilo que pode ser pensado como não existente. Por isso, “o ser do qual não é possível pensar nada maior”, se se admitisse ser pensado como não existente, ele mesmo, que é “o ser do qual não se pode pensar nada maior”, não seria “o ser do qual não é possível pensar nada maior”, o que é ilógico. (...) Então, por que o insipiente disse em seu coração: “Deus não existe”, quando é tão evidente, à razão humana, que tu existes com maior certeza que todas as coisas? Justamente porque ele é insensato e carente de raciocínio”¹⁹.

Afirmção 4: portanto, Deus existe na inteligência e na realidade.

Demonstração: “Mas como o insipiente pôde dizer, em seu coração, aquilo que nem sequer é possível pensar? Ou como pôde pensar aquilo em seu coração, quando “dizer no coração” nada mais é do que pensar? Se, verdadeiramente, ele disse isso em seu coração, na verdade, também, o pensou. Mas, na verdade, ele não disse isso em seu coração, porque, justamente, não podia pensá-lo.

Com efeito, pode-se pensar, ou dizer no coração, uma coisa de duas maneiras: pensando na palavra que expressa a coisa, ou compreendendo a própria coisa. No primeiro sentido, é possível pensar que Deus não existe; no segundo, não. Quem, por exemplo, compreende o que são a *água* e o *fogo*, sem dúvida, não pode pensar que os dois elementos sejam realmente a mesma coisa. Entretanto, se pensar apenas nas palavras *água* e *fogo*, pode imaginar as duas coisas como idênticas. Assim, quem compreende o que Deus é, certamente, não pode pensar que ele não existe, mas o poderia, se repetisse na mente apenas a palavra *Deus*, sem atribuir-lhe nenhum significado, ou significando coisa completamente diferente.

Deus, porém, é “o ser do qual não é possível pensar nada maior”, e quem compreende bem isso sem dúvida compreende, também, que Deus é um ser que não pode encontrar-se no pensamento. Quem, portanto, compreende que Deus é assim, não consegue sequer imaginar que ele não exista. (...) Agradeço-te, meu Deus, pois agora, encontro-me na condição em que, ainda que não quisesse crer na tua existência, seria obrigado a admitir racionalmente que tu existes”²⁰.

Nessa demonstração, queremos captar o sentido do argumento anselmiano. Uma vez definido o Deus da fé, o crente se encontra com a existência daquele que é posta em questão pela negação do insipiente. Procede, então, contestar esse questionamento. Para isso, o insensato deve entrar no jogo dialético. Quando Anselmo dá sua noção de Deus, o insensato a ouve e entende. O insensato pensa que o ser tal não existe. Logo, o ser tal existe pelo menos em seu pensamento. Este existir ao menos em seu entendimento, uma vez reconhecido, põe em ação o mecanismo da prova e dá passagem a que o ser tal exista também na realidade. Provada a existência de Deus, chega-

se à afirmação da necessidade da sua existência.

Através da prova, o crente alcança a inteligência. Somente aquele de quem não se pode conceber que não seja, existe necessariamente. O que constitui um problema não é a existência de Deus, mas sua negação. O insensato diz em seu coração que Deus não existe. Mas como diz o insensato em seu coração o que não pode pensar? Santo Anselmo responde dizendo que ninguém que entenda o que Deus é, pode pensar que ele não existe. A resposta de Anselmo estabelece uma distinção nesta ordem de pensamento, da palavra interior, donde uma relação de significação liga as palavras com as coisas. Essa relação palavras-coisas (*voces-res*) fazia parte da questão dialética da época. De uma mesma coisa, pode-se pensar a palavra que a significa (*cogitare*), ou bem compreender aquilo mesmo que é (*intelligere – verbum-rei: a cogitatio* formada à semelhança da coisa). A perfeita relação *cogitare/intelligere* que o insensato deixa de realizar faz com que ele conceba Deus como não existente. Pensar retamente implica uma relação do pensamento enquanto tal com a coisa. O intelecto se conduz de maneira diferente, segundo se detenha em palavras ou que se realiza sua significação e se volte para as coisas. Anselmo, quando formulou uma definição de Deus, afirmou que seu adversário ouvia e compreendia, no seu intelecto, o que ele dizia. Permanecemos no plano de um pensamento ligado à linguagem, donde a fé regula o sentido do termo Deus. Pois, seguindo essa regra, não poderemos conceber que o objeto não seja.

4 A força do argumento

O famoso argumento anselmiano não é mais do que uma pura dialética, pela qual o pensamento não pode negar a existência de Deus sem trair a si mesmo. Uma vez aceita determinada definição de Deus, ela impede, de antemão qualquer negação, a não ser que não compreendamos o significado das palavras de determinada definição. Portanto, aqui se trata somente de demonstrar que o insensato que é a parte contrária dessa disputa, contradiz-se.

Para Anselmo, se é contraditório negar algo, então este algo existe. Aqui, Anselmo manifesta a sua grande confiança na lógica. Quando fala da verdade e da existência de Deus, parece ao menos nesta passagem, que a verdade lógica é a que designa e a que nos garante a verdade ontológica. Tomado em si mesmo, o argumento se baseia somente na lei do raciocínio. O argumento ontológico se funda na discussão que faz com que a verdade de uma proposição resulte do absurdo da que a contradisse. “Esta demonstração da existência de Deus é, seguramente, o triunfo da dialética pura operando sobre uma definição. Não por isso, deixa de ter conteúdo, porque o que contém de força provém do sentimento, justo em si do que há de único no conceito de ser tomado em um sentido absoluto. Pois, ainda que se rejeite a prova como tal, se reconhecerá sem dúvida que Santo Anselmo tenha visão certa ao subtrair à força irresistível com que a noção de ser absoluto, quer dizer, tal que não se pode conceber outro maior, reclama, de certo modo, a posição de sua existência pelo pensamento que a concebe”²¹.

Para Anselmo, os pensamentos comportam a presença de algo no pensamento. E, se o que constitui, ao menos, um conteúdo do pensamento não pode ser concebido simplesmente como um conteúdo do pensamento, então o que existe no pensamento tem que ser mais que um conteúdo do pensamento.

A força do argumento também pode ser percebida na verdade das proposições necessárias, ou seja, as proposições cuja negação traz consigo contradição, são necessariamente verdadeiras. Considerando que as proposições verdadeiras têm de ajustar-se a seus objetos e têm de ter objetos para ajustar-se. Portanto, as proposições necessárias implicam a existência de seus objetos. Nesse caso, a proposição necessária é que “aquele do qual não pode ser pensado nada maior” não pode existir somente no pensamento.

5 A negação torna-se dialética

Poderíamos perguntar: por que Santo Anselmo busca um argumento para provar a existência de Deus? E a resposta seria: porque existe o insensato. A dialética de Anselmo não é uma dedução que

segue em linha reta o seu caminho, de evidência em evidência, mas conserva um sentido de disputa. A negação feita pelo insensato permite a Anselmo elaborar a dialética em torno do argumento. A Sagrada Escritura proporciona o adversário de Santo Anselmo. Aqui é importante notar que a própria Escritura (dado da fé) proporciona a negação de Deus.

O insensato do salmo 13 (*Deus non est*) não é um boneco que não pensa, mas é um elemento necessário para compreender o argumento. Mas, por que podemos perguntar: é o insensato um elemento necessário para a construção da argumentação que faz Anselmo? Acontece que, aqui, o dialético se encontra diante do incrédulo, que nega ao Deus da fé. O incrédulo é um personagem a quem Anselmo não se dirige diretamente, mas é um personagem que Anselmo não pode ignorar.

As obras que Anselmo escreve, cuja lei consiste em partir de uma premissa da fé, são escritas para aqueles que creem. Mas, quando Anselmo tem que escrever dando razões que sejam vitoriosas sobre todas as objeções, conforme lhe pediram, então sua busca será a discussão. Nessa discussão, o insensato, aquele que objeta, entrará em cena.

Santo Anselmo não elabora seu argumento contra uma mera negação verbal. A negação de Deus de que se ocupa Anselmo, está dita no coração. Não é puramente negação de uma ideia. Mas o ímpio ou insensato que diz: “não há Deus”, compreende o que diz.

No insensato, não devemos ver apenas um homem independente de toda a revelação, acolhida ou rejeitada. A matéria do debate é o objeto mesmo da fé. Os adversários são o crente, que aceita o objeto da fé, e o incrédulo, que o rejeita. Santo Anselmo, em sua obra **Cur Deus homo**, mostra-nos o estudo da fé deixando um lugar para as objeções dos infiéis e dá uma fórmula que une os homens divididos diante da revelação: “Porque, ainda que eles busquem a razão porque não creem, e nós, ao contrário, porque cremos, sem dúvida, buscamos uma mesma coisa”²². Ao dizer a fórmula uma mesma coisa (*unum idemque*), Anselmo quer mostrar que não pode haver oposição entre o que responde a algo contra a Escritura e aquele que nela crê. Pois ambos querem buscar uma prova a favor ou contra aquele que existe.

Na dialética, então, temos o crente e o insensato. Precisamos aqui recordar a atitude do crente conforme aparece no capítulo I do **Proslogion**, onde o crente é apresentado como um homem interiorizado que encontra Deus quando encontra a si mesmo, pois o homem é imagem de Deus. Ao entrar em si mesmo, o homem se encontra com o que é e, por isso, ao mesmo tempo, com Deus. O homem só descobre quem ele é, e adquire sentido em sua vida, quando encontra a Deus, pois para isso foi feito. Então, a atitude do insensato não pode ser outra do que aquela que não tem sentido, sentido como algo próprio ou interior, algo íntimo que constitui o homem como tal. “Eia, vamos, pobre homem! Foge por um pouco às tuas ocupações, esconde-te dos teus pensamentos tumultuados, afasta as tuas graves preocupações e deixa de lado as tuas trabalhosas inquietudes. Busca, por um momento, a Deus, descansa um pouco nele. Entra no esconderijo da tua mente, aparta-te de tudo, exceto de Deus e daquilo que pode levar-te a ele e, fechada a porta, procura-o”²³.

Essa é a atitude que Santo Anselmo propõe ao homem. E o homem que tem esta atitude é o homem que crê. E esse homem que crê é aquele homem que se encontra como homem. O insensato não se encontra, mas fica fora de si. E, por isso, o insensato não vê a Deus; portanto, nega-o. O insensato não encontra a Deus porque não encontra a si mesmo. O insensato deveria, portanto, dar-se conta do seu afastamento de Deus antes de negá-lo.

Vemos que são distintas as atitudes do crente e do insensato. Mas não esqueçamos que se trata de um debate, de uma discussão cuja matéria é o objeto mesmo da fé. Por isso, a argumentação de Anselmo não é um raciocínio de caráter geral, que simplesmente surge a partir de uma negação imaginária. Se somente tratasse de uma ignorância absoluta de Deus, então Anselmo faria algo muito distinto. Anselmo ensinaria sobre Deus e procuraria fazer com que chegasse até Ele. Mas o insensato diz que não há Deus. Há, pois, um dizer que consiste em negação; é a essa negação a que se há de responder, dialeticamente, com uma prova. O suposto da argumentação do argumento é que se tenha negado que exista Deus. Para Santo Anselmo, é-lhe necessário, portanto, o insensato. A negação torna-se, portanto, um momento importante da dialética.

Diante da negação, Anselmo afirma que existe algo, sem dúvida alguma, que não permite outro ser maior, tanto no entendimento como na realidade. E o que é o essencial nesta argumentação? A afirmação essencial é que semelhante ser, ou seja, “o ser do qual não se pode pensar nada maior”, não pode existir somente em nossa inteligência que nele pensa. Portanto, isso tem que dizer alguém. O insensato pensa como um nominalista, que está fora de si, que não tem sentido. O que pensa o que diz não pode negar a existência de Deus, mas somente o que fala e dá nome às coisas sem fazer referência à realidade, é que pode negá-la. E o que fala sem pensar e sem relacionar o nome com sua equivalência real é um louco, um insensato.

De acordo com estas duas atitudes: a do crente e a do insensato, o debate sobre o objeto da fé se centraliza na existência ou não existência de Deus. A atitude do crente consiste em pensar a existência de Deus. A do incrédulo ou insensato consiste em pensar a sua não existência. Existem, portanto, duas possibilidades no interior do pensamento. Fechar uma possibilidade, supõe abrir a outra. Neste sentido, Paul Vignaux ajuda a entendermos a dialética anselmiana: “Reduzir o adversário à contradição é sempre a obra mestra da dialética. O procedimento de Santo Anselmo tem aqui um aspecto original: se parte de um mínimo (Deus somente no intelecto), se concebe mais (Deus na realidade) tem que aceitar esse máximo. Santo Anselmo e o insensato têm aceitado a mesma noção de divindade: um com fé, o outro rejeitando-a. Esta idéia constitui uma regra: é impossível pensar nada mais além de Deus, nossos pensamentos têm que permanecer mais no aqui. O argumento tem o aspecto de uma refutação, a existência que se apresenta negada é, finalmente posta fora de dúvida, a objeção, que constituía a negação, recebeu uma resposta”²⁴.

Concluimos afirmando que o argumento de Anselmo pressupõe uma hierarquia de valores: é melhor ser do que apenas estar no intelecto; e, ainda melhor é ser necessário do que ser apenas contingente. Mas o não ser, por exemplo, não encontrou lugar nessa hierarquia do ser. E a pergunta pela possibilidade da existência necessária, Anselmo sequer chegou a propô-la, muito embora ela se torne possível justamente ao se dar continuidade ao pensamento do próprio Anselmo, já que se pode ao menos pensar a possibilidade da existên-

cia necessária. Mas se a possibilidade como princípio oferece princípios apenas para coisas possíveis e não os propicia para nada que seja necessariamente existente, então o argumento de Anselmo rompe-se no ar como uma bolha de sabão. E se isso são questionamentos modernos, eles, ao mesmo tempo, demonstram como são importantes, para eles mesmos, os posicionamentos advindos da história da filosofia; em face de seu oponente, Anselmo sempre destacou a significância do pensar para a argumentação dialética, de tal modo que o legado filosófico de Anselmo fica evidente ao menos na seguinte conclamação: com os meios do pensamento cabe pensar sempre adiante o próprio pensar. Se não há prova da existência de Deus, também não há prova da sua não existência. Em todo caso, é em prol disso que a *sola cogitatione* de Anselmo assume posição²⁵.

Notas

- 1 Santo Anselmo, nascido em Aosta e falecido em Cantuária, está completando os 900 anos de morte.
- 2 Doutor em Filosofia pela PUCRS, Universidade Federal de Pelotas - RS.
- 3 ANSELMO, Santo. **Proslógio**. São Paulo: Abril Cultural, 1973. (Coleção Os Pensadores). Proemium. Obra doravante abreviada por “*Prosl*”.
- 4 VASCONCELLOS, Manoel Luís Cardoso. **Fides Ratio Auctoritas: o esforço dialético no ‘Monologion’ de Anselmo de Aosta: as relações entre fé, razão e autoridade**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005. p.18
- 5 *Prosl.*, I
- 6 *Ibid.*,
- 7 *Ibid.*, I
- 8 ANSELMO, Santo. **Monológio**. São Paulo: Abril Cultural, 1973. (Coleção Os Pensadores), LXXVII. Proemium. Obra doravante abreviada por “*Monol*”.
- 9 *Prosl.*, I
- 10 ESCRIBANO, Ignacio. El alcance teológico del Proslogion de San Anselmo. **Verdad y Vida**, n. 23, 1965. p.55.
- 11 *Prosl.*, II
- 12 *Prosl.*, Proemium
- 13 CICERO *apud* ULLMANN, R. A. **Epicuro: filósofo da alegria**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1989, p. 76.
- 14 SÊNECA *apud* ZAMBRANO, Maria. **El pensamiento vivo de Sêneca**. Madrid: Cátedra, 1987. p.119
- 15 AGOSTINHO, Santo. **A doutrina cristã: manual de exegese e formação**

- cristã. Trad. e notas de Nair de Assis Oliveira. São Paulo: Paulinas, 1991. L. VII.
- ¹⁶ ANSELMO, Santo. *Contra Gaunilonem*. In: **Obras completas de san Anselmo**. Edición bilíngüe por Julián Alameda. Madrid: Editorial Católica, 1952-1953.
- ¹⁷ *Prosl.*, II
- ¹⁸ *Ibid.*
- ¹⁹ *Ibid.*, III
- ²⁰ *Prosl.*, IV
- ²¹ GILSON, Étienne. **La filosofía en la Edad Média**. Madrid: Gredos, 1987, p. 231
- ²² ANSELMO, Santo. *Cur Deus homo*. In: **Obras completas de san Anselmo**. Edición bilíngüe por Julián Alameda. Madrid: Editorial Católica, 1952-1953. L. 1, c. II
- ²³ *Prosl.*, I
- ²⁴ VIGNAUX, Paul. **A filosofia na Idade Média**. Lisboa: Presença 1994, p. 39
- ²⁵ MOJSISCH, 2005, p.75

Referências

AGOSTINHO, Santo. **A doutrina cristã**: manual de exegesse e formação cristã. Trad. e notas de Nair de Assis Oliveira. São Paulo: Paulinas, 1991.

ANSELMO. **Opera omnia** – S. Anselmi Cantuariensis Archiepiscopi . Edimburgi: Thoman Nelson et Filios, 1946-51.

_____. **Obras completas de san Anselmo**. Edición bilíngüe por Julián Alameda. Madrid: Editorial Católica, 1952 -1953. 2 vols.

_____. **Monólogo, Proslógio**. São Paulo: Abril Cultural, 1973. (Coleção Os Pensadores).

ESCRIBANO, Ignacio. El alcance teológico del Proslógion de San Anselmo. **Verdad y Vida**, n. 23, 1965.

GILSON, Étienne. **La filosofía en la Edad Média**. Madrid: Gredos, 1987.

MARÍAS, Julián. **San Anselmo y el insensato**. Madrid: Revista de Occidente, 1944.

MOJSISCH, Burkhard. Anselmo de Cantuária- Provas de Deus. *In*: KOBUSCH, Theo (org.). **Filósofos da Idade Média**. São Leopoldo: Unisinos, 2005.

STREFLING, Sérgio R. **O argumento ontológico de Santo Anselmo**. 2. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1997.

ULLMANN, R. A. **Epicuro: filósofo da alegria**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1989.

VASCONCELLOS, Manoel Luís Cardoso. **Fides Ratio Auctoritas: o esforço dialético no ‘Monologion’ de Anselmo de Aosta: as relações entre fé, razão e autoridade**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005.

VIGNAUX, Paul. **A filosofia na Idade Média**. Lisboa: Presença, 1994.

ZAMBRANO, Maria. **El pensamiento vivo de Sêneca**. Madrid: Cátedra, 1987.

Endereço para contato:

e-mail: srstrefling@gmail.com